



A origem e criação do mundo simbólico de uma banda sesquicentenária

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Marcos Botelho
UFG

Resumo: O presente trabalho surge como desdobramentos de pesquisas anteriores com a Sociedade Musical Euterpe Friburguense, banda fundada em 1863 no município de Nova Friburgo. Utilizamos os bancos de dados previamente feitos (arquivo de partituras, correspondências e periódicos locais), além de entrevistas realizadas com informantes de dentro e de fora da banda. Buscamos a origem do sentimento de identidade e da tradição da banda.

Palavras-chave: Banda de música, Identidade, Música brasileira.

The origin and creation of the symbolic world of a band Sesquicentennial

Abstract: This work comes as a development of previous research about Sociedade Musical Euterpe Friburguense, band founded in 1863 in Nova Friburgo. We used the databases previously made (archive scores, matches and local newspaper), plus interviews with informants inside and outside the band. We seek the origin of the sense of identity and tradition of the band.

Keywords: Band of Music, Identity, Brazilian Music

O presente trabalho surge de desdobramentos de nossas pesquisas com a Sociedade Musical Friburguense, banda fundada no município de Nova Friburgo em 1870. Foram realizadas entrevistas com informantes de dentro e fora da banda, além a criação de um banco de dados com as correspondências (1407 correspondências), catalogação do arquivo de partituras e os periódicos locais encontrados no Pró-memória de Nova Friburgo (desde 1891 até 2005).

Em primeiro lugar, gostaríamos de tecer algumas observações a respeito do sentimento de identidade demonstrado pelos membros da Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense. Granja (1984) relata que as bandas de música “*caracterizam-se também por seu aspecto coletivo, integrado, onde são valorizadas as relações de amizade, entre seus componentes e entre estes e seus seguidores*” (Granja, 1984 p 80)

Diniz (1991) ressalta que no século XIX “*com a intensificação da vida urbana começam a surgir associações de caráter agremiador (...), órgãos distantes do aparelho de Estado que passavam a congregar indivíduos com interesses em comum*” (Diniz, 1991 p 32). A autora complementa: “*é importante lembrar a presença das bandas na vida da cidade*”. A partir do século XIX “*começaram a surgir as bandas civis, rara era a localidade que não as possuíam [sic]*” (Carvalho, 1997 p70)



Pois bem, acreditamos que todos estes elementos também estavam presentes em Nova Friburgo em 1863. Não temos conhecimento de, em algum momento, ter havido bandas militares na cidade. Temos conhecimento, pelos periódicos, de 4 sociedade musicais atuando na cidade no século XIX: Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, Sociedade Musical Recreio dos Artistas e Sociedade Musical Estrella de Friburgo. As duas últimas citadas foram extintas nas primeiras décadas do século XX; não temos conhecimento da data de suas fundações, a Sociedade Musical Campesina foi fundada em 1870.

A fundação da Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense em 1863 é atribuída a Samuel Antonio dos Santos, e estaria relacionada a uma promessa religiosa feita a Santo Antônio, o que consta de diversos documentos, por todo o período estudado. Não encontramos versões diferentes. Vamos reproduzir o relato da “Revista de Aniversário de 140 anos”, por Heloisa Brandão:

Samuel [Antônio dos Santos] era oficial músico da marinha portuguesa e regente da banda de fuzileiros, a bordo de um navio que, saído de Lisboa, tinha como destino Buenos Aires.

Durante a viagem, uma tempestade colocou em risco de vida toda a tripulação.(...) Samuel, em preces a Deus, (...) fez promessas com intercessão de Santo Antônio: dar baixa da Marinha Portuguesa, no primeiro porto em que parassem, fundar uma banda de música e construir uma capela em louvor a Santo Antônio. Felizmente, o navio conseguiu ancorar no porto do Rio de Janeiro. (...)

Em 1862, é recomendado, por amigos, através de carta, a Galeano das Neves que, em Friburgo, era diretor do então colégio Freese. (...) Assim, em 26 de fevereiro de 1863, surgiu a nossa Sociedade Musical Euterpe Friburguense. (...) O outro compromisso que se propôs, realizou-se em 13 de junho de 1884, quando foi inaugurada a capela de Santo Antônio. (Brandão, 2003, p 4)

Este relato, provavelmente muito próximo à realidade, é sempre repetido como a verdadeira história da fundação da banda. Não é objetivo de nosso trabalho examiná-lo a fundo e tentar caracterizar a autenticidade da história acima relatada. É interessante, porém, notar que Samuel ocupa lugar central no relato, sendo considerado o fundador da banda.

A carta de recomendação para Galeano das Neves é reproduzida por Granja (1984) em sua pesquisa datada de 24/4/1862. Outro ponto que devemos ressaltar é que os membros fundadores, que raramente são citados, são membros da elite da cidade. O primeiro presidente foi o Barão de Nova Friburgo. Os membros provavelmente tinham forte ligação com o Barão e com a Loja Maçônica Indústria e Caridade, onde a banda teve sua primeira



sede. Também existia forte ligação com o movimento monarquista, o que em 1870 foi dar origem à rivalidade com a Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, que tem sua origem ligada aos comícios republicanos.

Mas o que nos intriga é que a carta de recomendação data de 24 de Abril de 1862 e a banda foi fundada em 26 de fevereiro de 1863, ou seja, apenas dez meses depois da provável chegada de Samuel a cidade. O que nos faz pensar: será que Samuel, nesse pouco tempo, conseguiria montar uma banda? Devemos lembrar que a conclusão da construção da capela de Santo Antônio só ocorreu em 1884, muito tempo depois.

O artigo do periódico “Correio Popular” de 9 de dezembro de 1905 na página 2 noticia a morte de Samuel Antônio dos Santos informa:

Após longos e cruéis padecimentos (...) rendeu sua alma ao creador o estimado e venerável amigo Samuel Antônio dos Santos (...). Fundador da Sociedade Musical Euterpe Friburguense e que **cooperou com esta Sociedade para a Fundação da Capella de Santo Antônio** [grifo nosso].

Até pode ter sido por iniciativa dele que a banda construiu a capela, mas ele demorou menos de 10 meses para conseguir instrumentos e apoio da elite da cidade para fundar a banda e demorou 22 anos para construir a capela? Pois bem, não é nosso objetivo responder a esta pergunta, mas isto levanta algumas dúvidas quanto à total veracidade dos acontecimentos, ao que chamamos “mito de origem”. Entendemos que: *“fora de uma postulação mítica das origens, toda tentativa de derivação exaustiva das significações sociais a partir da psique individual parece fadada ao fracasso”* (Castoriadis, 1982 p 89)

Desta maneira, a figura de Samuel Antônio dos Santos passou a representar o elemento propulsor da fundação da banda, tendo sido ele, no imaginário coletivo, o fator primordial para a existência da banda. Esse imaginário ocultou os demais membros fundadores, diretores e músicos, imputando a Samuel o papel principal. Esse passado comum é importante para a construção das identidades e do sentimento de pertença, fazendo, deste modo, com que os indivíduos se insiram em cadeias de filiação identitária (Catroga, 2001).

Para completar o papel desse “mito de origem” para a formação da identidade, Hall (2005) comenta: *“esses sentidos [sobre a identidade] estão contidos nas histórias que são contadas (...) memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”*.

Esta origem comum, esta possível linha de filiação, decorre da freqüente associação da banda a uma idéia de família. Por todo o período estudado, encontramos referência, tanto por parte de membros da banda como por parte da sociedade, à banda como



uma família, a “família Euterpe” ou “família Euterpista”. Catroga (2001) acrescenta a respeito da constituição do núcleo familiar, observações que podemos transpor para o contexto da banda:

Na modernidade, o núcleo social, em que, paradigmamente, se concretizou a assunção da herança como norma (...) foi a família. E é este o nível que melhor se poderá surpreender os laços que existem entre identificação, distinção, transmissão e a sua interiorização como norma: recorda-se o espírito da família. (Catroga, 2001 p 27)

Na banda, estes vínculos de sangue existem em muitos casos. Podemos, por exemplo, observar a passagem de várias gerações da mesma família na banda. Também encontramos famílias inteiras consideradas “euterpistas”. Podemos ver um exemplo disto na “Revista de Aniversário de 140 anos”, na qual podemos observar uma exposição de fotos com legenda indicando que são *“painéis com fotos que registram a história de algumas famílias que ajudam a Euterpe a crescer”*. Em outro artigo intitulado “O Orgulho de ser Euterpista” escrito por Marcelo Merressi, suas primeiras palavras são *“A nossa família [Meressi] é euterpista desde as primeiras gerações”*. São inúmeras as evidências desta relação com vínculos familiares reais ou imaginários.

Encontramos referências à banda como família em todo o período estudado. No ofício de 13/10 /1941, dirigido a Maria Rosa Sampaio, temos um excelente exemplo:

Bastava a Va. Excia., ser a mãe querida do nosso querido “Zeca Sampaio”, o euterpista fanático que representa uma nossa relíquia, e estar ligada pelo coração a outro euterpista vermelho “o Nelson Kemp” e ainda mais fazer parte da sua numerosa e honrada família o nosso Pedro Ribeiro, para ser Um dia Festivo para a **“Família Euterpista”** [grifo nosso]

Este trecho do ofício ilustra muito bem a percepção destes laços de família, reais ou imaginados, no contexto da banda. Segundo o ofício, o marido e filho da referida senhora participavam efetivamente da banda. Entretanto, a Sociedade Musical se identifica como “Família Euterpista” como se este ofício de felicitações por aniversário fosse feito de uma família para outra, também parece-nos que no imaginário do grupo entende-se que estas duas “famílias” possuem membros em comum ou se absorvem mutuamente.

O passado histórico também é recorrente na exaltação da banda, Catroga (2001) associa este culto ao passado com a construção do sentimento de identidade, no qual *“transmissão do conteúdo das heranças (espirituais ou materiais), são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença em que os indivíduos se reconheçam dentro de*



totalidades” (Catroga, 2001 p 42). Esta relação com o passado reforça ainda mais os sentimentos familiares, reportando-se e reiterando uma origem comum. Em algumas entrevistas notamos que, os informantes quando perguntados sobre o passado da banda, misturavam fatos presenciados por eles, Catroga (2001 p 67) comenta que: “*o percurso biográfico aparece, na ordem explícita do recordado, como um itinerário que vai realizando a sua identidade*”

Os artigos de periódicos e as correspondências até da década de 1960, intensificando-se a partir da década de 1970, recorrem com frequência ao passado da banda. Registram o quanto este passado foi glorioso, revelando uma percepção de orgulho por sua história. É claro que tomam, em grande maioria, como foco central do passado da banda, o “mito de origem” referido anteriormente.

Informantes idosos várias atividades da banda com participação intensa da sociedade no passado, como as viagens que faziam com a banda. Os periódicos e as correspondências também contêm várias informações a este respeito. Existem correspondências da Leopoldina Railway, informando à banda que estava disponibilizando trens para as suas viagens, porém existia um vagão reservado para a banda, sem custos, e outros para a comitiva que iria acompanhá-la. Assim informa o ofício de 9/10/1946 da Leopoldina Railway para a banda:

Informo-lhe que o especial solicitado poderá ser formado (...) partindo da estação dessa cidade as 6h:00 de 27 do corrente e regressando de Bonsucesso as 19h:00do mesmo dia. No trem poderão viajar **160 passageiros** [grifo nosso] em 1^a classe em cada sentido

Observamos que, a partir da década de 1960, houve uma mudança na postura da banda em relação ao seu relacionamento com a sociedade, e vice-versa. A banda não é vista mais como algo que exista para satisfazer as necessidades da sociedade e que tenha deveres com esta diretamente. Parece-nos que a banda passa a ser entendida como uma instituição social e que a sociedade é que tem deveres com ela. A banda passa ser considerada como algo de valioso, algo que a sociedade tem que ser orgulhar e merecer, não pelo papel da banda na funcionalidade atual da sociedade, mas como um símbolo do passado.

Na “Revista de Aniversário de 130 anos” o editorial demonstra que a banda tem consciência deste sentimento por parte da sociedade:

Num clima de alegria contagiante, a Euterpe comemorou seu centésimo-trigésimo aniversário (...). Foi o **reconhecimento da comunidade** [grifo nosso] á sua primeira manifestação cultural e a emoção da família euterpista em receber o



carinho de tantos amigos. Uma sinfonia de amor a Friburgo (...) Manifestações de apreço foram trazidas à Euterpe (...). Por seu passado de tradição, já que esta enraizado na vida friburguense, o que tornou mais calorosa a festa.

As referências aos músicos, em todo o material pesquisado, é muito pequena, restringindo-se a algumas correspondências e artigos de periódicos esporádicos, referentes a alguns músicos de destaque, sendo quase todos relacionados a Joaquim Faria. Geralmente, os músicos são tratados como uma totalidade, entretanto os diretores são tratados nominalmente.

Não encontramos fato que mais ressalte este sentimento da sociedade em relação à banda do que a rivalidade existente entre a Euterpe e a Campesina. Esta rivalidade é tão presente na trajetória da banda, que, embora não fosse focalizada, a princípio, por nossa pesquisa, surgiu em vários momentos.

Esta rivalidade, parece estar associada à fundação das bandas. Tanto os informantes quanto os periódicos apontam o fato da Campesina ter sido fundada para tocar nos comícios republicanos realizados na cidade como a origem da rivalidade, já que à frente da Euterpe estava o Barão de Nova Friburgo, além, é claro, de outros monarquistas.

O artigo de “A Voz da Serra” de 2/9/1993 informa sobre o concerto que estava sendo organizado pela Prefeitura com as duas bandas juntas, concerto este que nunca aconteceu. Nele, vários membros tradicionais das duas bandas dão suas opiniões a respeito da realização ou não do concerto. Todos observam que a rivalidade é algo tradicional das bandas. Neste artigo, os entrevistados, associam a rivalidade como algo benéfico ou necessário, pertencente à tradição, que não deve ser alterada, talvez como uma defesa de identidade da banda.

Tanto os periódicos como os entrevistados relatam que as bandas são “co-irmãs”, Embora haja rivalidade entre as bandas, estas, pela utilização deste termo, parecem entender que suas histórias estão cruzadas.

A tradição parece estar sempre associada a este sentimento da banda e da sociedade de valorizar o passado da banda como instituição. Os informantes apontam como tradição da banda tocar na praça, desfilar, usar uniformes, fazer alvoradas, entre outras. Consideram que estas tradições vêm sendo mantidas. O gênero musical “Dobrado” ocupa, em seus discursos, lugar central na tradição. É exatamente neste gênero que estão as músicas com títulos relacionados com a banda, além das músicas que a banda utiliza para homenagear as pessoas que considera importantes no seu cotidiano.

A preservação da tradição parece-nos que é utilizada de maneira central para a valorização do passado, talvez como reafirmação da importância da banda para a sociedade. A



criação deste mundo simbólico, entrelaçando ligações familiares, históricas e sociais é de fundamental importância para a manutenção da banda, pois, é a partir dele que a banda obtém recursos financeiros e recria permanentemente seu espaço dentro da sociedade. Acreditamos que estas percepções tornam-se de vital importância para a existência da banda, talvez por muitos anos mais, pois a banda situa-se no núcleo do conceito construído de identidade.

Referências:

BRANDÃO, Heloisa. Nosso Fundador. *Revista de aniversário de 140 anos*, Nova Friburgo, pg 3-4, 2003

CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOL, Hector Perez. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal Editora 1983.

CARVALHO, Vinicius Mariano de. As Bandas nas Minas Gerais. *Anais I Simpósio Latino Americano de Musicologia*, Curitiba, 1997

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 5 edição 1982

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga, Uma história de vida*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 1991.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte. *A Banda: Som e Magia*. Rio de Janeiro, 1984. 325f. Dissertação em Comunicação, Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 1984

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10 edição, 2005

MERESSI, Marcelo. A Família Meressi. *Revista de aniversário de 140 anos*, Nova Friburgo, pg 8, 2003

SOCIEDADE MUSICAL BENEFICENTE EUTERPE FRIBURGUENSE. *Revista de aniversário de 130 anos*. Nova Friburgo, 1993.